

## **DIÁLOGOS E PERCEPÇÕES: RODA DE CONVERSA COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO<sup>1</sup>**

**Beatriz Benati Luvizotto<sup>2</sup>**

biabeluvi@gmail.com

**Iany Teixeira Casatti**

iany.casatti@gmail.com

### **Resumo**

*Pensando no ensino de Geografia dentro da sala de aula para alunos do Ensino Fundamental II, os bolsistas do PIBID/Geografia da Unesp Ourinhos-SP propuseram uma roda de conversa para os estudantes do sétimo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Adelaide Pedroso Racanello, parceira do projeto desde 2018. Priorizando o diálogo e a fala do aluno, a atividade sugeriu a identificação da Geografia dentro da sala de aula e em seus arredores, facilitando uma construção de conhecimento a partir dos saberes e vivências do mundo já conhecidas pelos mesmos. O que tornou a atividade mais interessante foi o fato de os bolsistas não serem de Ourinhos, incentivando as estudantes a explicar as dinâmicas do município, bem como suas localizações, atividades econômicas, entre outros. Entretanto, também foram encontradas algumas problemáticas aqui expostas que nos faz repensar o modo com que a geografia está sendo aplicada dentro da escola e como podemos torná-la mais próximas aos alunos, como o foi o objetivo dessa intervenção.*

**Palavras-chave:** Paulo Freire, Diálogo, Intervenção.

### **Introdução**

O subprojeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Licenciatura em Geografia tem como objetivo central formar alunos para atuarem no ensino, com capacidade criativa e competência teórico-prática, em uma perspectiva interdisciplinar, comprometidos com as mudanças sociais e com a melhoria da educação básica. As ações têm como foco a sala de aula, os educandos e a formação docente, contribuindo com o

---

<sup>1</sup>———Relato da intervenção aplicada durante o estágio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Geografia da Unesp Ourinhos, Núcleo da Escola Municipal de Ensino Fundamental - Profa Adelaide Pedroso Racanello, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Aparecida Zacharias.

<sup>2</sup> Alunos do Curso de Graduação em Geografia (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ – Campus de Ourinhos/SP. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência - PIBID



enriquecimento curricular e a dinamização dos espaços de aprendizagem, privilegiando a construção de relações de respeito para com todos os sujeitos sociais envolvidos na escola e sua comunidade, reconhecendo as especificidades e singularidades nelas construídas.

No contexto desse subprojeto, intitulado de “A pesquisa colaborativa no estudo do lugar: a mediação pedagógica e a formação de conceitos por meio de diferentes linguagens compostas nas versões do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos”, que tem por objetivo a articulação entre o ensino superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas educacionais sejam elas municipais ou estaduais. Para, além disso, oferece uma experiência real de estar dentro das salas de aula, bem como sua rotina e seu funcionamento. A observação da mesma é de suma importância, uma vez que os bolsistas conseguem aproximação tanto dos professores com sua bagagem empírica e lutas diárias para a melhoria da educação, quanto dos alunos e sua opinião sobre o modelo de aprendizagem em que são submetidos, somado com seus anseios e desejos como ser social em desenvolvimento.

Assim, no final do semestre de 2018 foi realizada uma intervenção, pelos bolsistas, durante o seu período padrão de horário de aula de 55 minutos. Visando essa oportunidade, juntamente com a vivência observada dentro da sala de aula, desde o início do programa, este artigo explicita a atividade conduzida pelos bolsistas, cujo objetivo configurou na tratativa de aproximação da Geografia com o os alunos dentro da sala de aula e, a partir daí fomentar discussões sobre sua importância para uma visão social ampla e crítica.

Quando nos reportamos ao ambiente escolar, assim como praticamente em quase todos os lugares, ainda é muito comum encontrarmos os métodos tradicionais de ensino nas escolas nos dias atuais, mesmo que tenham passado por revisões buscando novas eficácias, em sua forma estrutural ainda predomina um ensino de memorização mecânica, sem um contexto de uso real sobre os conteúdos, reforçando ao que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, onde, “em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados em forma de depósitos, e os educandos, como meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (FREIRE, 1968, p.33), contemplando a educação como produto de um sistema capitalista, comumente encontrada até os dias de hoje.

Pensando nisso, a atividade aqui proposta relata a busca do ensino da Geografia a partir de um diálogo entre o mundo já conhecido dos alunos, com o saber dos bolsistas, visando uma maior participação destes para um diálogo a partir de suas percepções geográficas, que são pouco explorados dentro do ambiente escolar.

### **A Proposta de Intervenção: a roda de conversa**

O núcleo do PIBID na Unesp Ourinhos, tem parceria com a ‘Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Adelaide Pedroso Racanello, localizada na área central da cidade de Ourinhos –SP, onde seus bolsistas acompanham as séries de 6º a 9º ano para o desenvolvimento de suas pesquisas.

Frente a este compromisso, essa atividade em foco foi realizada com os estudantes de três salas do sétimo ano, no fim do último bimestre, onde já haviam realizadas as avaliações finais. Portanto, a intervenção teve por objetivo uma roda de conversa, dialogando com os alunos em tom descontraído e amigável, buscando o entendimento da geografia na realidade do aluno onde o principal objeto de análise era a própria sala de aula, bem como seus arredores.

E, para a realização da atividade, priorizamos o diálogo como instrumento de partida para o entendimento da Geografia, sendo este um dos saberes de Paulo Freire, que consideramos de suma importância para se levar dentro da sala de aula, quando destaca que:

[...] preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. (FREIRE, 1996, p. 49).

E para nós, essa diminuição de estranheza é mais fácil quando estamos dentro da sala, mas não como papel de professor, e sim como observadores, ampliando as formas de contato e troca com o aluno, mesmo que informalmente, facilitando demasiadamente a nossa entrada na sala de aula como condutores da construção do conhecimento.



A metodologia escolhida foi a Roda de Conversa (preconizada para uso no processo de ensino/aprendizagem por Paulo Freire), buscando um sentimento mútuo de aprendizado entre os bolsistas (ainda em formação profissional) e alunos em uma troca de experiências excepcionalmente importantes por, destacadamente, serem de municípios distintos, situação que ampliou a visão cultural e geográfica, entre ambos os grupos. Dessa forma, o início e o sentimento para essa atividade compartilharam das ponderações de Silva (2012), ao contemplar:

“[...] vamos começar abrindo uma roda e sentando para conversar? Normalmente é assim que começamos uma Roda de Conversa. Todos olham para o centro e diretamente nos olhos de cada um. Cria-se um sentimento de estranhamento, vergonha. Às vezes, olhar, olho no olho é difícil. Mas, também, ao abrir a roda, cria-se um sentimento de pertencimento, de autonomia. Eu tenho meu lugar aqui, estou participando, eu também sou capaz de ...[...]” (SILVA, 2012, p.56).

A necessidade de instigar a curiosidade dos alunos a respeito dos conceitos geográficos se fez presente nas reuniões e debates do núcleo do PIBID, tendo em vista que nas aulas observadas, pouco se debatia sobre as unidades e os alunos não tinham interesse nenhum em debater e aproximarem a geografia com fatos do dia-a-dia. A temática da roda de conversa, envolve toda a percepção dos alunos a respeito do lugar e a importância da geografia em sala e aula.

Assim, a roda de conversa na disciplina de Geografia, por permitir ser uma dinâmica que envolve, não só questões e conteúdos compostos por conceitos geográficos, também, passa a ser um lugar e/ou um espaço de identificação, destes, com o ambiente em que estão inseridos diariamente, além de ser responsável por grande parte da sua formação moral e política. Portanto, a roda pode possibilitar essa capacidade de fala, argumento e criticidade, despertando nos alunos o ato do posicionamento para qualquer indivíduo presente no círculo.

### **Dificuldades e problemáticas encontradas: diálogos sobre os desafios**

Mesmo com propostas positivas, dificuldades e problemas foram encontrados. Na primeira sala de intervenção, formamos uma roda com as carteiras (mesas e cadeiras) para darmos início à atividade, onde inserimos as nossas completando o círculo, para estarmos perante os alunos e, ao mesmo tempo no mesmo nível que eles, sem destaques, dispostos a

partilhar e construir conhecimentos a partir da dinâmica trabalhada, onde fomos avaliando de forma qualitativa as respostas obtidas.

Com a organização física do espaço da sala estruturada, a primeira pergunta conduzida foi sobre a Geografia: “*vocês se interessam pela aula de Geografia?*”. Pela devolutiva a máxima resposta foi que não, mas observamos que se sentiram intimidados, para maiores discussões, bem como detalhamento, sobre a questão supracitada, visto que a professora também estava no ambiente observando à dinâmica. Todavia, as maiores ponderações da negativa pautaram-se, não por somente não gostarem da aula de “x” professor, mas sim com a forma do ensino da geografia em geral, onde não sentiam motivação para aprender os conteúdos da disciplina pelo fato, desta escola, os conduzirem no sentido de decorar para se fazer a prova. A partir dali já identificamos a primeira problemática.

Na sequência, a próxima pergunta parecia bastante simples: “*O que vocês enxergam de Geografia aqui e agora?*”. Para nossa surpresa, em todas as salas, pouca ou nenhuma resposta foi dada, nos mostrando a segunda e mais importante problemática, que nitidamente se relaciona com a primeira, porque retrata uma falha no ensino de Geografia da escola, em um contexto geral, que até pode abranger as geograficidades sobre o global, mas pouco se retrata sobre o local e, conseqüentemente sobre o espaço escolar de vivência dos alunos. Constatação de que nos trouxe a reflexão de que nesta realidade escolar a Geografia, em sala de aula, está tão distante da vivência do aluno mesmo que tão perto. E, se falta conhecimento do lugar, dificulta o entendimento crítico na sociedade, da qual o indivíduo e sujeito aluno faz parte.

Após, incentivamos para que houvesse o diálogo, tentando aproximar o conhecimento de mundo, construídos por eles, com o científico. E, para tal, partimos, do que Piaget (1975) argumenta sobre o desenvolvimento do aluno adolescente e de como a educação participa dele. Diz o autor op. cit.:

[...] na realidade, a educação constitui um todo indissociável, e não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectualmente, não conseguiria ser livre moralmente. Reciprocamente, porém, se a sua moral consiste exclusivamente e uma submissão à autoridade adulta, e se os únicos relacionamentos sociais que constituem a vida da classe são os que ligam cada aluno individualmente a um



mestre que detém todos os poderes, ele também não conseguiria ser ativo intelectualmente. (PIAGET, 1975, p. 69).

Em toda esta dinâmica, buscávamos servir apenas como mediadores dos conhecimentos expostos pelos alunos, onde em todo o momento, estímulos para o debate eram propostos, como por exemplo, diante das perguntas mais básicas: “*Por que o pé de vocês fica vermelho na cidade?*”, relacionando com Latossolo Vermelho, a terra vermelha, predominante no Município de Ourinhos, que contém grande quantidade de ferro, devido ao intemperismo do basalto. Logo, em seguida, ao falamos sobre o calor e as mudanças climáticas do município durante o ano e, vários assuntos cientificamente explicados pelos bolsistas, estimulando-os as discussões, bem como debates, entre si. Nosso intermédio era feito quando necessário.

Dentre todos os temas levantados, em todas as salas, pelas rodas de conversas, ao final, os assuntos que mais eles relacionavam com a geografia eram os Mapas Mentais, por meio dos percursos da casa até a escola. Ou quando pedíamos para explicarem, o percurso para se chegar ao atual - e único -, shopping da cidade em construção, onde por não ser comum no caminho diário de muitos, notavam-se maiores confusões em suas explicações. Somado a isso, também, debatemos o uso de um Sistema de Posicionamento Global – GPS, como instrumento da Geografia que nos permite a orientação espacial, aproximando-nos dos diferentes lugares, tanto na escala municipal quanto estadual ou mais.

Curiosamente, mas não espantoso, a maior participação da turma, constava quando o assunto se relacionava com as questões sociais de trabalho e, como o ambiente influenciava. Sobre esta temática, as maiores discussões sobre o shopping em construção, onde houve um amplo debate de como isso transformaria não só a paisagem da cidade, mas, sobretudo as dinâmicas do mercado local. Também, grande participação ocorreu ao falarmos sobre o processo de urbanização, com suas transformações, historicamente construídas, no espaço ao longo do tempo.

Somado a isso, é possível observar que a dinâmica da conversa em roda para adolescentes e seres sociais, em desenvolvimento, causa muita euforia, justamente pela oportunidade de fala aberto para eles. Condição que foge do tradicional, uma vez que, por terem que “vencer” o conteúdo do material didático em sala de aula, os professores acabam delegando poucos espaços aos alunos como sujeito protagonista da educação, ressaltando suas vivências



dentro e fora do contexto escolar. Porém, por ser uma proposta, com um tom bem informal, participaram bastante de toda atividade e, expunham suas ideias sem se preocuparem com o medo de errar em frente ao professor, ou mesmo aos bolsistas do PIBID. As figuras 1 a 4, a seguir registram alguns momentos da Roda de Conversa.



Figuras 1 a 4 – Momentos da Roda de Conversa

Foto: PIBID/GEOGRAFIA – Unesp/Ourinhos (2019)

Outro destaque, de suma importância, que julgamos relatar foi o fato de conseguirmos aproximar alunos, que eram subjugados como “indisciplinados”, para uma participação efetiva roda de conversa e, a partir deste ponto envolvê-los, também, para com assuntos relacionados à Geografia. O empenho desses, como visto durante as aulas que foram direcionadas somente para observação, era consideravelmente pouco participativo e/ou contribuinte para quaisquer assuntos que eram direcionados pelos livros didáticos na aula. Notávamos falta de motivação na explicação da professora, uma vez que sempre interrompiam suas aulas, pelo fato de não



conseguirem ficar sentados e/ou quietos. Por outro lado, durante a dinâmica da conversa, estes se destacaram com mais disposição à interação, trazendo muito de suas vivências, mas também os conceitos que, já haviam, aprendidos em sala de aula.

A controvérsia, todavia, também surgiu quando os alunos que são menos comunicativos durante as aulas convencionais, igualmente não se sentiram à vontade para falar na roda ou pouco motivados com um modelo diferente da dinâmica rotineira.

Assim, pelos relatos apresentados, em forma de resultados podemos observar, enfim, que as metodologias de ensino devem que ser pensadas e trabalhadas, preferencialmente, de forma alternada, uma vez que, as salas de aula são marcadas por múltiplas heterogeneidades diante das relações distintas com o método do ensino-aprendizagem, onde para alguns tornam-se inviáveis seguir o modelo tradicional de ensino nas escolas (sentados enfileirados, em silêncio, copiando conteúdo); enquanto que para outros esse possa representar o modelo ideal. Condição que, relacionar atividades lúdicas, com espaços alternativos para conversas, práticas de campo com o ensino e observação do meio de vivência, também, devem ser consideradas e aplicadas no contexto escolar, para uma maior democratização da aprendizagem.

### **Considerações finais**

O conhecimento geográfico produzido por meio do diálogo, mais especificamente da roda de conversa, nos permite discutir para além dos conceitos e definições, os saberes empíricos dos estudantes, dando dimensões para debates necessários dentro da geografia, como a percepção de lugar, os mapas mentais e a importância da geografia fora e dentro da sala de aula. Observa-se que o simples fato de mudança de estrutura dentro da sala de aula, ao nos posicionarmos em círculo, eleva o nível de curiosidade e interesse do aluno pelo assunto, fomentando ainda mais a necessidade do saber.

Face ao exposto, podemos considerar que a atividade foi bastante positiva tanto para os mediadores (alunos do PIBID) quanto para os escolares. Somado a isso, a forma de linguagem com que foram abordados e, a intimidade criada, sem o formato tradicional do ambiente de sala de aula, composta pelas carteiras enfileiradas e a presença do professor à frente, como detentor de todo conhecimento; mas sim em forma de roda, onde todos se colocaram no mesmo nível, sem destaques, tornou a dinâmica pelas discussões dos diferentes conteúdos mais prazerosas,





de fácil entendimento para eles conseguirem ter voz sobre os assuntos a que eram estimulados a discutir.

A atividade, portanto, conseguiu alcançar ao que se pretendiam, a de aproximar os assuntos que a geografia estuda com os estudantes, tratando do espaço que eles estão em contato diariamente, desde as abordagens morfoclimáticas (permeando entre solo, clima, vegetação), até as abordagens sociais, como relações de trabalhos, alterações espaciais pelo processo de urbanização, orientação e localização da escola em relação à cidade e as suas consequências, mostrando assim uma possibilidade de uma Geografia holística, com a percepção de que essa ciência está em todas as relações visíveis, ou não, com que eles têm contato. Observações que, tornam mais interessante o aprendizado que integra conhecimento vivido do escolar que, impulsionados pelas explicações científicas mediadas pelos professores, estimulam novos conhecimentos a partir de uma autonomia movida pela curiosidade, a qual desenvolve o ser crítico e ativo politicamente dentro da sociedade.

### **Referências bibliográficas**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975

SILVA, Adriana da. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula**. 2012. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121152>>.